

## **O DESEJO DE KOPENAWA OU O USO DO CACHIMBO<sup>1</sup>**

### **THE DESIRE OF KOPENAWA OR THE USE OF THE PIPE**

Fernanda Carneiro<sup>2</sup>

Roberto dos Santos Bartholo Jr.<sup>3</sup>

#### **Resumo**

Temos o direito de escrever sobre a escrita? Após profunda reflexão provocada pelo encontro com o livro *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, que já alcança a oitava edição, sob a lupa de Martin Buber e Vilém Flusser, um esboço de resposta surgiu no horizonte. A obra, essencialmente dialógica, introduz palavras xamânicas e uma complexidade de imagens em nossa própria vida, provocando uma revolução. A escuta da escrita convoca-nos a alargar e a colocar limites no nosso agir, desautorizando a ideia de progresso. Confirmamos neste pequeno ensaio desenhado nas telas de um aparelho o desejo inter-humano de conversação permanente, e diferente de Flusser, o dedicamos aos que, mesmo desconfiando de si, acreditam que faz sentido escrever.

**Palavras-chave:** Escrita. Escuta. Perspectiva indígena. Diálogo. Ética.

#### **Abstract**

Are we intitled to write about writing? After a deep reflection provoked by the encounter with the book *A Queda do Céu*, by Davi Kopenawa and Bruce Albert, which has reached its eight edition, under the magnifying glass of Martin Buber and Vilém Flusser, the sketch of an answer has emerged on the horizon. The work, essentially dialogic, introduces Shamanic words and a complexity of images in our own life, causing a revolution. Listening to the writing calls us to broaden and set limits to our actions, disavowing the idea of progress. We do confirm in this small essay draw on the screens of a device the inter-human desire for permanent conversation, and differently from Flusser, we dedicate it to those who, even suspecting themselves, they do believe that it makes sense to write.

**Keywords:** Writing. Listening. Indigenous perspective. Dialogue. Ethic.

#### **Palavras iniciais**

Vimos navegando nos cursos do Ciclo de Estudos Selvagem<sup>4</sup> que vem acontecendo nos últimos sete anos, presencialmente no sítio histórico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e nos últimos dois anos, virtualmente, no site *selvagemciclo.com.br*.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Tem, a escrita, futuro?, do VII ComCult, Faculdade de Comunicação da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2018.

<sup>2</sup> Doutora em Engenharia de Produção/COPPE/UFRJ, nandacarneiro@uol.com.br

<sup>3</sup> Doutor, COPPE/UFRJ, bartholo.roberto@gmail.com

<sup>4</sup> Organizado por Ailton Krenak e a Editora Anna Dantes.

Nos dois sítios acontecem diálogos autênticos entre xamãs, cientistas, filósofos, estudiosos, pesquisadores, escritores, artistas, empresários, poetas e aprendizes atentos. Indígenas e não indígenas cultivam o diálogo entre os diversos campos do saber, livros são lançados com narrativas ou escritos de pensadores indígenas e não indígenas, e um aprendizado mútuo vai ampliando o horizonte do conhecimento comum. O tema que escolhemos para nos inscrever neste congresso insere-se nesse portal, fazendo-nos pensar sobre o futuro e a importância da palavra escrita.

Ao ler um dos temas deste Congresso – *Tem, a escrita, futuro?* – escutamos uma reverberação. A pergunta soou como um chamado – é preciso falar sobre a importância das palavras por escrito da literatura indígena, do desejo de futuro dos povos brasis, e do modo do pensar selvagem. “Interpretar é aproximar-se, querer dizer”, assim falou Flusser (2010).

Pode parecer estranho a afirmativa de que diálogos autênticos também acontecem num sítio da cultura digital, e, de fato, acontecem. Com atenção plena ao balanço da metafísica ameríndia, a escuta de palavras encantadas brotadas das fontes da memória milenar vai nos transformando “em outro de verdade”, no jogo das ontologias entre Modernos e Povos Tradicionais – dois mundos onde atualmente muitos intelectuais indígenas ou não indígenas transitam e dialogam.

### **Do diálogo e do dialógico**

No nosso percurso de aprendizes, desde a universidade até hoje no Laboratório Tecnologia Diálogos e Sítios (LTDS/COPPE/UFRJ), os ensinamentos de Martin Buber são uma das canoas para nosso pensar no campo da antropologia filosófica. A tradição fenomenológica que envolve os ensinamentos de Martin Buber parte do princípio do humano como ser situado no mundo **com** o outro, ou seja, **o fato primeiro é a relação** – “No princípio é a relação” (Buber, 1977). Se compreendemos que a existência humana se dá em diálogo, os mundos são múltiplos e as atitudes que cada ser humano pode apresentar são múltiplas, ora pois, encontros e narrativas sobre o mundo comum que vivemos acontecem a todo instante em permanente duração.

Também nos círculos de leitura na Universidade foi-nos apresentado o livro *A Escrita. Há futuro para a escrita?*, de Vilém Flusser (2010). Impactou-nos o alcance de sua visão de mundo futuro e modos do pensamento crítico no contexto da rapidez (e excesso) das informações eletrônicas, dos códigos digitais, e das imagens técnicas via aparelhos. Para escrever este artigo,

ao relermos o capítulo Metaescrita (Flusser, 2010) nos perguntamos: teremos o direito de escrever sobre a escrita? Eis que ousamos e nos propomos a exercê-lo, após o encantamento e a profunda reflexão provocada pelo encontro com um outro livro – *A Queda do Céu*, de David Kopenawa e Bruce Albert (2015). Enxergamos um horizonte apontado pelas mãos dos dois mestres, Buber e Flusser, escutamos o bater de asas das palavras de Buber – na vida vivida há dois modos de presença:

**Eu-Tu:** atitude de encontro entre dois parceiros, duas pessoas, na reciprocidade e na confirmação mútua. E o que é reciprocidade? É a marca definitiva da atualização do fenômeno da relação.

**Eu-Isso:** experiência e utilização, atitude objetivante.

A partir desse sopro, imaginamos que o projeto do livro *A Queda do Céu* só pôde se concretizar graças à confiança e parceria recíprocas, à estima e cumplicidade entre duas pessoas, presentes uma face à outra. Dois amigos. E decidimos também escrever.

Pois então, Albert conheceu Davi como funcionário da FUNAI nos idos anos 1970-80, e quando ainda não tinham um vínculo afetivo sólido, um dia, na praça central Yanomami da casa de cerimônias de cura coletiva, Albert estava fascinado pela beleza dos cantos, adornos e coreografias e usava “freneticamente” a máquina fotográfica e o gravador, quando Davi se aproximou dele, “sem alarde”, e pronunciou palavras definitivamente escutadas – “não é bom que você tire fotos, você vai emaranhar os caminhos dos *xapiri* e eles vão se perder” (Kopenawa & Albert, 2010, p. 527). Imediatamente um encontro autêntico aconteceu naquela realidade concreta – Albert percebeu “o mundo da criação confiado um ao outro”. Uma parceria estabeleceu-se<sup>5</sup>.

Após anos de convivência, trabalhos e ações conjuntas, num outro momento, Bruce estava do outro lado do oceano quando recebeu três fitas gravadas enviadas por uma amiga antropóloga, em caráter de urgência. Era 1989 e ele escutou no gravador a voz da floresta: “Os brancos não sabem sonhar, é por isso que destroem a floresta desse jeito. Não conhecem os caminhos das palavras e cantos que descem do céu (...)” (Kopenawa & Albert, 2010, p. 531). Kopenawa tinha acabado de assistir a uma reportagem jornalística na TV com “imagens apocalípticas do centro

---

<sup>5</sup> Bruce foi parceiro inseparável de Kopenawa na campanha que durou catorze anos até obter em 1992 a homologação da Terra Indígena Yanomami.

histórico de seu povo". Imagens eletrônicas estimularam sua consciência histórica. Davi relatava na gravação a situação trágica dos povos Yanomami, e lançava a Bruce um pedido de ajuda, pois uma nova corrida do ouro devastava seu território. Davi percebe que existe um outro que ameaça a vida e ameaça um modo próprio indígena de estar no mundo. “Quero seu apoio para implantar com urgência um programa de saúde na terra Yanomami (...), a terra está com febre (...)” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 531). Naquele momento se iniciou o projeto *d’A Queda do Céu*. Davi começou a aproximar-se de um outro modo de estar no mundo.

Albert já havia percebido e escutado sua própria predisposição muito maior à “busca de um saber vivido do que às ambições acadêmicas” desde que começou a conviver com o mundo da floresta. Vislumbrara a riqueza e a complexidade intelectual do saber indígena e adquirira uma competência linguística em Yanomami. Algo mudou depois daquele pedido gravado em “aparelhos dos brancos”. Albert escutou o grito profundo de Davi. Assim como Davi escuta o grito da Terra. Selou-se entre os dois “o pacto político e ‘literário’ que deu origem ao livro”. (Kopenawa & Albert, 2015, p. 48). Davi deseja mandar suas palavras para longe.

Técnicas inovadoras registraram um conjunto de falas, narrativas de sonhos, visões, exortações e conversas, tudo gravado e transcrito, ao longo de mais de dez anos, em uma das línguas Yanomami. Bruce se esforçava, ao escutar, em traduzir e restituir a sensibilidade poética e densidade conceitual às palavras do xamã. O Tu se transforma em Isso para possibilitar uma volta ao Tu. Kopenawa e Albert se encontram inúmeras vezes no próprio universo Yanomami dando a surgir um material gravado que seria mais tarde transformado em escrita desenhada em “peles de papel” – a confiança é recíproca.

Bruce não é um pensador solitário, mantém-se firme diante do “fato físico da alteridade”, como ensina Buber, pois o pensador que vive dialogicamente conhece, ele também, uma unidade vivida, que não se rompe, não é mais rasgada em dois. O ato de pensar entre Eu e Tu é vivido como um ato dirigido ao outro em sua concretude, “não a um outro pensador de quem nada queria saber a não ser o seu pensamento”, mas sabendo que o outro é um pensador, Bruce se dirige à pessoa de Davi, “à qual também pertence a atividade de pensar”. A ação de escutar, pensar e escrever incluiu a presença de quem vive face a face – Davi, Albert, os Yanomami e todos os seres vivos do Cosmos. Bruce persevera na concretude da vida na floresta, ouve a palavra e lhe “é permitido gaguejar uma resposta” (Buber, 1982, pp. 60-63). Bruce viveu outros

encontros autênticos até a publicação do livro, numa “versão aceitável”, e ele cita Jorge Luís Borges: “o conceito de texto definitivo só pode decorrer de religião ou cansaço” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 535). A escrita de Bruce é vida vivida.

Eu – Kopenawa, Tu – Omama. O Xamã Kopenawa escuta Omama – aquele que “soube criar a floresta, as montanhas e os rios, o céu e o sol, a noite, a lua e as estrelas” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 70). “O recado da mata”<sup>6</sup> se faz escutar desde um lugar onde não há separação entre arte e gesto, tudo é belo. As palavras têm raízes e se movimentam desde um tempo profundo. Gesta-se o livro. Um livro vivo.

“Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas (...) desejo que elas se espalhem bem longe, para serem realmente ouvidas (...) elas agora partiram, afastaram-se de mim (...)” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 75).

A *Queda do Céu* emerge da fonte da representação do pensamento indígena. Palavras xamânicas fixaram-se pela impressão gráfica, pela escrita, um novo modo de estar no mundo tanto para Davi quanto para Bruce. É uma proposição de consequências enormes e nos põe a pensar – a tradição oral das narrativas indígenas será engolida pela escrita? Nós, os leitores, ao nos relacionarmos com o objeto livro, escutaremos palavras que vêm ao nosso encontro e as perguntas que nos são dirigidas? Quem pergunta é a vida vivida na floresta, estamos a escutá-la. A palavra como diálogo é a própria condição de existência, nos ensina Martin Buber. O livro é uma obra dialógica.

### **O uso do cachimbo faz a boca torta**

A *Queda do Céu* é fruto de Encontros e encantamentos. É um livro denso, cheiroso, um objeto material e finito.

N’A *Queda*, a voz de Kopenawa vibra palavras que vêm de longe através da Terra e são transportadas pelos ventos desde as nascentes das águas, das florestas, e do movimento físico da lua e do sol. São linhas de palavras multiplamente entremeadas e narradas através da dança de seres vivos da Mata que atravessaram a pessoa sensível de Bruce Albert, o escriba, até brotarem nas “peles de papel” e se fixarem. Assim, compreendemos A *Queda do Céu* como

---

<sup>6</sup> Título do prefácio de Eduardo Viveiros de Castro n’A *Queda do Céu*.

acontecimento no sentido buberiano - os eventos de relação se condensam e se dissimulam e se multiplicam e é nesta alternância que a consciência do xamã narrador, do escriba e do leitor ou leitora, ou seja, a consciência do Eu se esclarece no face a face com o Tu, com amizade e esforço. Uma consciência que aumenta cada vez mais, como consciência daquilo que tende para o Tu, sem ser ainda o Tu, na vibração recíproca do face-a-face, abrindo a possibilidade de algo sempre novo, englobando responsabilidades, decisões e liberdade de pensar e escrever. A vitalidade das palavras colhidas por Albert “dá a ouvir de modo mais direto a voz de Davi Kopenawa” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 537) e protege sua qualidade poética. A literatura nos convida a atravessar o espelho.

Diz Flusser (2010, p. 244) que a consciência histórica está em risco e aponta uma “crise de texto” devido a uma “consciência nova” e uma ausência de propósito que brotam da cultura dos códigos digitais, onde o texto linear alfabético já não lhe diz respeito. Porém, perguntemos: as palavras de um xamã gravadas, transcritas, traduzidas e escritas numa autêntica postura dialógica, não estariam potencializando um novo tipo de pensamento?

Podemos afirmar que *A Queda* é um livro que agita campos de estudos que navegam no mundo dos significados “do reino biológico e do mundo natural” (Scarano, 2021, p. 3) e do mundo filosófico, e Albert vai além, encara o desafio da busca de uma linguagem que nos aproxime do nunca antes percebido ou colocado ao alcance de todos – uma proposição de consequências enormes, através da escrita.

Entendemos *A Queda* como obra essencialmente dialógica que fala àqueles que recebem as palavras dos xamãs e vai além do simbólico e da técnica. É um convite a darmos um giro radical no pensamento “ocidental” pela escuta, extremamente viva, pois essas palavras emergem de sítios existenciais, da situação presente, e dirigem-se à relação básica da vida, “diante da qual deve-se responder”. Não são palavras coloniais. Também não se trata de uma pesquisa guiada pela observação etnográfica pura e simples, ou pela pura contemplação, mas pela “tomada de conhecimento íntimo”. As coisas podem acontecer de uma outra maneira e Bruce, ao percorrer o mundo do Isso, talvez nem consiga captar de uma forma objetiva muitas vezes, mas como ensina Buber (1982), “diz algo”, porque algo é dito a Bruce, que diz algo a nós, leitores, que se “introduz dentro de nossa própria vida”, “é aquela alguma coisa que nos diz”, é a “linguagem

real” – na casa da linguagem há muitos compartimentos, afirma Buber (1982, p. 41). E não podemos transitar nessa morada com pressa. A linguagem é mediadora.

Podemos entender que a perspectiva indígena se move em círculos e, conforme Flusser (2010, p 25, 64) considera, em contextos específicos é entendida como “pensamento mítico”<sup>7</sup>. Podemos então imaginar que num círculo, o início e o fim do processo formam um conjunto dotado de sentido, ou seja, a narrativa indígena produz sentidos. Narrativas que escutam a consciência e a linguagem de Gaia. Narrativas de povos que vêm de muito longe...

No universo vivo da Natureza o *ethos* ameríndio é afirmado e renovado pela tradição oral há milênios, de geração a geração, atravessando e sobrevivendo a cataclismas que remontam a tempos ancestrais, em vínculo fecundo com a Natureza, da qual a maioria da humanidade se separou. A contação de histórias sustenta culturas milenares com potência e sabedoria incomparáveis sobre a origem do universo, da vida, do dia e da noite... Há um tempo próprio, ritmos próprios, compasso e conteúdos. Tal processo de transmissão milenar acontece através da linguagem, das festas, cerimônias, rituais, hábitos e costumes, em suas próprias línguas e exercendo suas técnicas de proteção, conservação, cuidados e reprodução da vida. Palavras (en)cantadas se espalham através dos tempos, e de maloca em maloca. A maloca é um lugar de conexão.

Atualmente, na “civilização” moderna, o leito da Terra está sendo mortalmente atacado. Seria o anúncio de mais um cataclisma?

A devastação das nascentes e cursos das águas e vegetações ocorre em ritmo acelerado desde a chegada do homem branco às terras, matas e montanhas, prados e campos, fauna e flora, prejudicando a comunicação entre os povos da floresta e o conjunto de seres vivos, visíveis e invisíveis, até então livres para o seu bem viver e para o diálogo. Sim, todos estes seres são vivos e conversam entre si. Entre os indígenas havia uma língua geral – abanhenga ou *enheengatu* –, falada de Norte a Sul do Brasil (Rodrigues, 2018). A civilização moderna provoca consequências desastrosas ao modo selvagem de estar no mundo, aos ciclos da vida e dos Yanomami em particular, pela desenfreada e voraz corrida do ouro, pelo garimpo devorador

---

<sup>7</sup> Álvaro Tukano reporta-se a essa expressão refutando a ideia que porventura se possa ter de o pensamento indígena ser associado a um estágio ‘menor’ de pensamento (anotações de Fernanda Carneiro, Ciclos de Estudos Selvagem, 2021).

de corpos e de silêncios, onde tudo é destruição e barulho. A Vida vivida no tempo atual atinge com horror o ritmo e o compasso das coisas, a alegria e ritos dos indígenas - conhecidos por seu modo de viver relacional brincante e pleno.

Para esse saber dos indígenas “concorre muito suas línguas belas e fluentes, que, com as mesmas vantagens da grega e latina, exprimem, em sua nomenclatura suave e harmônica, o conhecimento de Mbae Kaá – o que tem na Mata” (Rodrigues, 2018, p. 49). Hoje, a vida em círculos, que antes fluía em alegria e se renovava no recomeço das coisas, já não encontra repouso para fechar os olhos (Han, 2021).

*O que não havia acontecido*<sup>8</sup> – Kopenawa compreende o alcance da escrita, deseja que as palavras perdurem entre os brancos. Sua intenção não é secreta: deseja dirigir-se a um outro, o povo branco, usando as próprias técnicas desse povo que tem seu próprio modo de memorizar ensinamentos. Desde o aparecimento da escrita na Antiguidade a palavra se dirige a um, “como a um juiz”, “mede a força de persuasão”, “conclui um debate”, há uma relação estreita com a política ao buscar um campo de interesse comum (Vernant, 1982, pp. 34-35).

A *Queda* pode revolucionar ao colocar sob o alcance de todos os conhecimentos constituídos desde origem da vida, vida esta que na perspectiva ameríndia se origina a cada instante, sem se deixar parar, tornando o futuro uma possibilidade presente? São narrativas sobre história da transformação da humanidade desde o *habitat* de seres das águas até alcançarem o habitar a terra. Albert escuta com o coração profundo, escreve. Imprimem-se letras na coisa-livro que resiste. De que estará Kopenawa abrindo mão?

As palavras impressas de um xamã romperiam as condições de suas palavras antes tão livres e em transformação perene? Se antes elas pareciam se perder no espaço e nos tempos afora, agora “abrem crateras nos muros do mundo objetivo, se adequando a regras ‘ortográficas’” (Flusser, 2010, p. 63). Bruce realiza o que Flusser (2010) atribui à escrita – o poder de “tornar uma língua um instrumento refinado e precioso” e renova a língua que outros desde a colonização já violentaram, as palavras voam com novas informações e brotam de uma relação em que é o respeito que protege. Novas escutas se consumarão pela urgência. Bruce sente intimamente essa

---

<sup>8</sup> João Guimarães Rosa in *A Terceira Margem do Rio. Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.



ameaça mortal e escuta dialogicamente. Não o faz com pressa. São anos e anos de encontros, pausas, interrupções e ações. É a vida no desafio das traduções, aproximações e encontros. Albert, com sua sensibilidade, compreendeu que sua hora biográfica lhe exigia transmitir e traduzir (se aproximar) um pensamento vivo brotado de um ambiente que fala, que preenche os olhos de beleza e poesia. O desafio posto para Bruce depois que ele abriu seus olhos e ouvidos é nos acordar, reconhecemo-nos mais perto desse mundo, e tal tarefa lhe vale uma vida inteira. Compreende o repertório conceitual de Davi, cada vez mais alicerçado na atualidade a respeito “dos devoradores da substância do planeta”. A vida vivida e sofrida no território Yanomami não cabe mais no corpo físico limitado e voa nas teclas de um computador, palavras que antes não se separavam daqueles corpos em movimento são alinhadas linearmente. A palavra de Kopenawa transbordou e se derramou em folhas de papel, em resposta à exigência da vida de seu território. “Nossos xamãs mais antigos nos dizem: ‘Agora é sua vez de responder ao chamado dos espíritos. Se pararem de fazê-lo ficarão ignorantes. Perderão seu pensamento e por mais que tentem arrancar seus filhos dos seres maléficos, não conseguirão’” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 75) .

Kopenawa não esquece o outro a quem quer se dirigir. Sua linguagem é diferente da do povo ganancioso que esquece totalmente outros povos e outros modos de vida e ignora a Natureza em si mesmo. Quer existir. Os dois pensadores caminharam pelo mundo do Isso, tal como Buber compreende um dos modos de presença. Ao permitir gravar horas e horas de suas narrativas em aparelhos eletrônicos Kopenawa talvez estivesse a usar um cachimbo com tabaco nativo. Podemos imaginá-lo a soltar a palavra-fumaça que se espalha ao vento e encontra o *xapiri* que lhe sopra outras palavras – “Você se escuta e faz as coisas” – sim, quando bole dentro, bole fora, o universo se movimenta – pois, sim, diz-se que *o uso do cachimbo faz a boca torta*. Se o dito popular nos ensina sobre a influência da técnica e dos hábitos na transformação de nós mesmos, diz nosso mestre Roberto Bartholo<sup>9</sup> “a escrita é a mãe de todos os cachimbos”, então podemos imaginar que *A Queda do Céu* tem uma dimensão ontológica profundíssima.

Leitores, ao atravessarem o espelho, encontrarão um estado de silêncio no ritmo e no compasso das coisas. Conseguiremos nos aproximar e alcançar uma forma de conclusão, conseguiremos sentir o aroma e o som do ambiente de olhos fechados? O livro não é simplesmente consumível.

---

<sup>9</sup> Anotações de Fernanda Carneiro. Aula do Prof. Roberto Bartholo, COPPE/UFRJ, 2019.

Que outras subjetividades o livro nutrirá a ponto de fazer emergir a consciência, aquela que Davi Kopenawa tem de sobra e que nasceu “da fúria e da coragem guerreira para enfrentar o homem branco”? (Kopenawa & Albert, 2015, p. 71). Não nos deixemos acelerar. A leitura exige calma e acolhimento.

Um grito ecoa da Floresta - Por que nos machucam? Um grito infantil, profundo e ancestral – um grito por justiça. As palavras lidas nos provocam o agir.

Albert e Kopenawa não mais estão sós. O livro é guardião material de palavras fixadas com a força do tempo. Talvez ao nos tornarmos Selvagens, afinal, quando tantos leitores escutarem a escrita de Davi e Albert, “e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos. Se as escutarem, talvez suas ideias deixem de ser tão sombrias e distorcidas e talvez até percam a vontade de nos destruir” (p 78). Diferente da literatura acadêmica, Davi não deseja alcançar doutores, deseja alcançar sábios.

Escuto agora as palavras de Flusser (2010, p. 40), como se ele fora um xamã: “Os escritores ocidentais pertencem à classe das aves plumadas”.

### **Magia, palavras e imagens**

Flusser nos diz que a escrita vai sendo engolida por uma outra coisa que vai ocupando este lugar – as imagens técnicas. Usa aspas para dizer que o gesto de in-formar (palavras transformadas em desenho) é um gesto do “Espírito”. Compreendemos aqui o uso das aspas pelo fato de essa palavra ser referida a um modo de pensar moderno que separa corpo e espírito e não traduziria o acontecimento, o gesto relacional, que levou aqueles artistas ancestrais a inscreverem mensagens em pedras ou argila - são gestos guiados por um pensamento enraizado na perspectiva de povos viventes no mundo da pura “Natureza” (aspas nossas). Também pensadores que frequentam os Ciclos de Estudos Selvagem comentam que a palavra “espírito” não é uma boa tradução para o que os xamãs chamam de *xapiri*.

Imaginamos que Albert, ao escutar as narrativas de Davi, entende e traduz mensagens que fazem vibrar seu corpo ao mesmo tempo em que adensa sua imaginação. Seu imaginário é fecundo. Os escritos são impulsionados pela urgência da Vida que corre perigo e são protegidos pela relação inter-humana. Entre Davi e Albert acontece o Cosmos, a Alteridade. Podemos também imaginar que aqueles que são portadores da nova consciência emergente do ambiente

artificial de códigos digitais imagéticos poderiam, sim, compreender as palavras ditadas pelo *xapiri* impressas em linhas de palavras escritas. Se Flusser (2010, p. 244) afirma que “a consciência histórica tem finalidades porque é linear”, talvez aqueles portadores da “nova consciência”, ao mergulharem nas páginas da *Queda*, por ser ela “livre de finalidade”, se deixe atravessar pelo próprio “transformar-se em outro” (expressão usada por Kopenawa ao se referir a eventos de consciência indígena enraizada na Vida). Não poderia essa consciência nova se abrir em frestas a ponto de se desdobrarem em resistência e experiência relacional profunda com a Vida?

Se a escrita foi inventada para “libertar a consciência do pensamento mágico vinculado às imagens”, que Flusser chama de consciência pré-histórica (Flusser, 2010, p. 35 e 244), Davi Kopenawa chama a escrita de “desenho na pele de papel”, que fará perdurar palavras xamânicas que vêm de muito longe. Ou seja, para Kopenawa, a escrita se lhe aparece também como magia, um desenho mágico, inventor de futuros. Afinemos estes dois modos de pensar a magia com um paradoxo: do livro *A Queda* poderão brotar pensamentos selvagens tornados históricos? E uma outra consciência de história que fala de acontecimentos que ocorreram muito antes e completamente independentes da escrita...?

Deixamos-nos navegar por um pensamento que alguns chamarão de utópico por expressar desejos de que novas imagens se transmutem em atos políticos, em gestos profissionais, em decisões pessoais a gerar respostas verdadeiras (responsabilidades) capazes de minimizar riscos de extinção da “última floresta”<sup>10</sup> do povo Yanomami adiando um fim de mundo.

Porém, ao adotar a perspectiva indígena sua literatura também revela-se como magia e expressão de um pensamento que abre espaço para novas consciências e linguagens, sempre no plural, diversas como é a vida. Davi nos convida ao encontro de realidades de linguagens que enxergam mais longe, alargam limites e colocam limites. É um chamado ético para um agir de urgência.

### **Vida e Memória - Para não esquecer**

---

<sup>10</sup> Título do documentário de Luis Bolognese, apresentado no Festival Internacional de Berlim, 2021.

Aceitamos escrever. Desenhamos as linhas deste artigo depois que escutamos palavras de mestres através de leituras, diálogos, escrita, imaginação e pensamento. Kopenawa sabe que “os brancos esquecem e precisam escrever para não esquecer”, e Flusser (2010) nos lembra que livros, assim como a argila, se decompõem, são finitos. Também as imagens técnicas que suportam nosso escrito vão desaparecer nas “nuvens”. Mas o desejo de Kopenawa não é a imortalidade frente à inércia do objeto, ele deseja o diálogo e a vida das palavras, nós também o desejamos. Que sejamos lidos por um, por dois, por alguns, como estímulo para irem ao encontro da *Queda do Céu*. Assim como escutamos palavras de Buber - talvez se trate apenas de um “aceitar”.

Uma vez lidas as palavras vivas de um xamã, que se colem ao corpo dos leitores e façam emergir a urgência de novos e imediatos gestos. Assim como nós aceitamos escrever.

Flusser atribui à escrita a formação do pensamento e constatamos que Davi está semeando outra história ao nos intimar a renovar/transformar e combater um “pensamento histórico irracional e homicida” que vem detonando o modo de vida indígena e a vida da Terra. Ao ler suas palavras talvez tenhamos que responder num outro lugar, num outro instante, quem sabe em que idioma, assim como Albert se encarregou de escrever, “e o que importa é que eu me encarregue deste responder” (...), a palavra aconteceu, “os limites de possibilidade do diálogo são os limites de possibilidade da tomada de conhecimento íntimo (...) Nada pode se recusar a servir de recipiente à Palavra” (Buber, 1982, p. 43).

Que nossas respostas estanquem o “povo mercadoria” que consome e se autoconsome, assim Kopenawa se refere aos povos que dominam o sistema mundial atual. Já está ao nosso alcance palavras ditas, escritas, gravadas e divulgadas de numerosos pajés que agora fazem ecoar sua própria voz (são tantos! E tão sábios!), a exemplo de Ailton Krenak, que aprendeu em profundidade o repertório conceitual dos brancos e tem conduta dialogal permanente— “estanquem a farra consumista da colonialidade!”<sup>11</sup>. Pois, sim. O mundo “branco” está vivendo a decadência da imaginação e estrebucha com violência. O processo da Conquista não terminou, lembra Krenak – disputam-se águas, montanhas, rios, ouro, diamante e narrativas. Estamos em guerra.

---

<sup>11</sup> Anotações de Fernanda Carneiro. Ciclos de Estudos Selvagem, 2021.

Contemos outras histórias reverberando as vozes indígenas, nossas vozes. Tornemo-nos outro, como ensina Kopenawa, embarquemos na canoa de transformação, nós, que pisamos este solo Brasil, habitamos essas Américas (nome colonizado!), escutemos a sábia antropóloga argentina de origem indígena Rita Segato (2021), “somos marcados pela violência da origem colonial e pelo desejo de defesa e reconquista do território – colonizadores ou colonizados somos fragmentos de uma paisagem que está colada na planta de nossos pés. Nossos corpos emanam uma paisagem comum”<sup>12</sup>. É o território ou a morte – “Indígenas lutam até morrer”. Sejamos selvagens.

### **À guisa de conclusão**

A literatura indígena é voz e gesto indígenas. É pedagogia. É uma partitura do pensamento indígena para registrar a transcendência. A divulgação de imagens técnicas dá uma visibilidade enorme à floresta e aos povos da floresta, o próprio Davi decidiu enviar uma primeira gravação a Bruce após ver uma reportagem pela TV, percebeu algo, agiu, foi ao encontro. Indígenas produzem imagens técnicas e nos dão a conhecer o tremor da Terra que já é percebido, vivido e medido em cálculos - o aquecimento global e a desertificação estão em quase ponto de não retorno – são a febre da Terra. O Antropoceno. Há que manter o ritmo da escuta para dar outro sentido à história. Basta de cálculos inúteis. *A vida não é útil*<sup>13</sup>.

Se antes não havia consciência da arqueologia dessa escrita agora podemos ler Davi, Bruce, e outros autores, e agir, agora, alargando a ideia de conexão, dialogicamente, buscando estancar a destruição dos sistemas plurais de vida, na pluralidade de relações inter-humanas.

Ver e sentir árvores derrubadas, gente fugindo, flagelados no mundo afora estão ao nosso alcance pela divulgação também de imagens técnicas que atravessam mundos denunciando as tragédias – nós, povos descendentes de povos originários e históricos, precisamos desconstruir essa mestiçagem nos assumindo como herdeiros responsáveis ao pronunciar – “nunca paramos

---

<sup>12</sup> Anotações de Fernanda Carneiro. Conferência de Rita Segato, 2021.

<sup>13</sup> Título do novo livro de Ailton Krenak. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

de ser ofendidos”<sup>14</sup>, e pensar com rebeldia por nossa própria conta e risco, na responsabilidade do existir. É uma realidade extraordinariamente comum.

As palavras de um xamã são pulsação que rasga o humano pela imaginação, é o lugar da arte e da criação. *A Queda do Céu* é poesia, futuro e arte. Pois o contrário da vida é o desencanto, o feio, o extermínio e a subalternização da vida em comunidade.

O tempo vai dizer se a transmissão d’*A Queda do Céu* aconteceu e se poderemos fechar, enfim, os olhos e consumir o desejo de Davi de nos ouvir dizer – “Eis aí belas palavras!” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 78).

Sim, afirmamos – eis aí belas palavras! A alegria de uma escrita nos ensinou “coisas de verdade” tais como a vida dos povos da floresta “há que estar presente a todo momento” (Buber, 1982, p. 63), somos nós. E essa vida demanda gestos etnopolíticos pela proteção e respeito dos territórios – a Terra viva é Terra indígena. Um xamã decidiu tornar público seu saber por meio da escrita e dá-nos a oportunidade de torná-lo bem comum - uma ética a ser assumida por todos e a constituir-se como Verdade – aquilo que não se pode contestar.

Flusser (2010) nos revela que os poetas são nossos órgãos de sentido. Eis-nos diante de palavras inspiradoras, de gestos que *na folha branca se aprontam para o salto*<sup>15</sup>, Davi pronuncia poesia – atravessemos o espelho até ouvir o som do silêncio. Atravessemos o tempo do sonho enquanto respiramos e bebemos o pó das árvores de cantos *amoa hi*, árvores que são os pés do Céu. Teremos tempo de impedir que ele caia sobre nossas cabeças? Poderão ser escutadas tais palavras na cidade cheia de barulhos, buzinas, motores, eletrônicos e aparelhos? Poderão colocar sob o olhar de todos um outro modo sábio de viver? Eis o desafio. Erradicar o “cacoete colonialista”<sup>16</sup> de tudo destruir e transformar em matéria morta.

Quaisquer que sejam nossos níveis de conhecimento e perspectivas, a invenção de futuros que assegurem a permanência da vida na Terra não depende de decisões tomadas apenas com inteligência, teorias ou aparelhos. Para a interpretação dos signos, dos rituais e dos

---

<sup>14</sup> Anotações de Fernanda Carneiro. Ciclo de Estudos Selvagem. 2021.

<sup>15</sup> Versos de Wislawa Szymborska.

<sup>16</sup> Anotações de Fernanda Carneiro. Ciclos de Estudos Selvagem. 2021.

acontecimentos há que se ter também a Graça, nos ensina outro poeta. Escutar é preciso para correr o risco de mudar.

“Quem escreve estende a mão ao outro para provocar uma revolução”, afirma Flusser (2010).

Perguntado sobre a importância da escrita para os povos indígenas assim respondeu Krenak se inspirando em Guimarães Rosa: “Assim como viver, escrever é muito perigoso”.

Sim, escrever é pisar um território de liberdade! Sejamos Selvagens. *Existiria um outro mundo assim sobre o qual exerço tal destino independente?*<sup>17</sup>

## Referências

- Buber, M. (1977). *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Buber M. (1982). *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Rodrigues, J. B. (2018). *Mbaé Kaá. O que tem na Mata. A botânica nomenclatura indígena* (3a ed.). Rio de Janeiro: Dantes Editora.
- Flusser, V. (2010). *A Escrita. Há futuro para a escrita?*. São Paulo: Annablume Editora.
- Han, B. (2021). *Favor fechar os olhos. Em busca de um outro tempo*. Petrópolis-RJ: Vozes Editora.
- Krenak, A. (2020). *Ailton Krenak conta a sua trajetória e fala da luta permanente dos povos tradicionais no Brasil*. [Arquivo de Vídeo] Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=o8IunpqgXY>
- Kapenawa, D., & Albert, B. (2015). *A Queda do Céu*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Segato, R. (2021). *Conferência sobre Decolonialidade*. [Arquivo de Vídeo] Recuperado de <https://youyu.be/v7N1E040UBY>
- Scarano, F. R. (2020). *A Linguagem de Gaia*. Cadernos Selvagem: Dantes Editora. Recuperado de [http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO\\_6\\_SCARANO.pdf](http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_6_SCARANO.pdf)
- Szyborska, W. (2011). *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Trip. (2021). *Ailton Krenak: Por que não conseguimos olhar para o futuro?*. São Paulo: Autor. Recuperado de <https://revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/ailton-krenak-por-que-nao-conseguimos-olhar-para-o-futuro>
- Vernant, J. P. (1982). *As origens do Pensamento Grego*. São Paulo: Difel.

---

<sup>17</sup> ALEGRIA DA ESCRITA (Wisława Szymborska)

*Por onde corre essa corsa escrita pelo bosque escrito?/Vai bebe da água escrita/Que lhe copia o focinho como papel carbono?/Por que ergue a cabeça, será que ouve algo?/Apoiada sobre as quatro patas emprestadas da verdade/Sob meus dedos apura o ouvido./Silêncio – também essa palavra ressoa pelo papel e afasta/Os ramos que a palavra bosque originou./Na folha branca se aprontam para o salto/As letras que podem alojar mal/as frases acossantes,/Perante as quais não haverá saída/Numa gota de tinta há um bom estoque*

*De caçadores de olho semicerrado/Prontos a correr pena abaixo,/Rodear a corça, preparar o tiro. Esquecem-se que isso não é a vida./ Outras leis, preto no branco aqui vigoram./Um pestanejar vão durar quanto eu quiser,/e se deixar dividir em pequenas eternidades/Cheias de balas suspensas no voo./Para sempre se eu o quiser nada aqui acontece./ Sem meu querer nem uma folha cai/Nem um caniço se curva sob o ponto final de um casco./Existe um mundo assim sobre o qual exerço um destino independente?*